SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DO IFG

MATERNIDADE EM RUPTURA: UM OLHAR SOBRE *CORPO DESFEITO*, DE JARID ARRAES E *NÃO FOSSEM AS SÍLABAS DO SÁBADO*, DE MARIANA SALOMÃO CARRARA

TAVARES, Tanara Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Goiânia.

NOGUEIRA, Poliane Vieira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Goiânia.

Não se nasce mãe, torna-se mãe. Entre corpos desfeitos e sílabas que sustentam a existência, a maternidade revela-se não como instinto natural, mas como uma construção social atravessada por violência, luto, afeto e resistência. Este estudo resulta de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/IFG) e parte da hipótese de que a literatura contemporânea vem, cada vez mais, desmontando esse ideal, não para negar o valor do cuidado materno, mas para revelar o que ele custa, e a quem. Este estudo analisa como as obras *Corpo desfeito*, de Jarid Arraes, e *Não fossem as sílabas do sábado*, de Mariana Salomão Carrara ressignificam o arquétipo materno a partir da desconstrução do mito da mãe perfeita e instintiva. Partindo do referencial teórico de Carl Gustav Jung (2014), sobretudo do conceito de arquétipo materno como estrutura ambivalente capaz de reunir, numa mesma imagem, aspectos de cuidado e de destruição, e complementado pela perspectiva histórico-discursiva de Ana Maria Colling (2019) sobre a construção do corpo feminino, o estudo examina personagens femininas atravessadas pela violência, pelo luto e pela precariedade social. Em *Corpo desfeito*, a análise recai sobre Fabiana e Marlene, cujas trajetórias evidenciam, respectivamente, os pólos protetor e sombrio do arquétipo materno, além da violência geracional que atravessa a família de Amanda. Em *Não fossem as sílabas do sábado*, a análise se concentra em Ana e Madalena, duas mulheres que, unidas por uma

tragédia comum, invertem os destinos simbólicos anunciados por seus próprios nomes. A pesquisa demonstra que, em ambas as narrativas, o materno não se apresenta como dom natural, mas como construção afetiva marcada por falhas, ausências e processos de reconstrução, construção esta que é, ao mesmo tempo, psíquica e histórica. A leitura comparativa entre as duas obras revela que, apesar de tratarem de contextos sociais distintos, a violência estrutural nordestina, em Arraes, e o luto íntimo e urbano, em Carrara, ambas convergem ao propor uma maternidade plural, contraditória e profundamente humana, distante da idealização que a tradição ocidental historicamente lhe atribuiu.

Palavras-chave

Maternidade, arquétipo materno, Jung, literatura brasileira contemporânea

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.